

O escândalo trans da verdade

Ana Cristina Teodoro da Silva

Professora de comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pós-doutoranda na ECO/UFRJ





A proposta aqui é refletir sobre o fenômeno do preconceito e desconforto causado por pessoas que questionam suas identidades de gênero: homens afeminados, mulheres masculinas, sobretudo, e de modo mais explícito, pessoas trans. A repulsa aos questionamentos de gênero sugere que haveria um lugar da verdade, haveria axiomas, como tais incontestáveis, a respeito de nossas identidades. A dúvida a respeito viria de um lugar outro, estranho, nojento, talvez não humano.

Os problemas do presente fazem conexão com situações do passado. Quando o historiador, ou quem faz sua função, junta o presente ao passado, as luzes do passado constelam o presente, revelando possibilidades. Esta é a proposição de Walter Benjamin (2012) em seu último texto, “Sobre o Conceito de História”. Nada de linhas cronológicas que servem aos vencedores, mas saltos ao passado, capazes de mostrar potências do instante.

A proposta deste texto é saltar até os antigos gregos, com a intermediação da obra “A Coragem da Verdade”, de Michel Foucault (2011), seu último curso no Collège de France, em 1984. Pretende-se que o salto inspire a reflexão a respeito do porquê se situa a pessoa trans como outra, diferente de mim, escandalosa.

No curso citado, Michel Foucault filosofa a partir de uma tríade: os saberes, as relações de poder e o sujeito constituído pelas práticas de si. São três elementos distintos e irreduzíveis, que não podem ser separados na filosofia proposta. O que distingue a filosofia é ser, ao mesmo tempo, ciência, política e moral. A partir desta base triádica, o exercício do poder, seja ele saber ou político, manifesta uma concepção da verdade. Não há exercício de poder sem um ato pelo qual a verdade se manifesta.

Temos a tradição de analisar as estruturas dos discursos, suas fontes, para identificar se são verdadeiras. Porém, há outra forma de pensar a verdade, que seria perguntar-se como é produzida, por qual ato a verdade se manifesta; sob que forma uma pessoa é vista como sujeito de um discurso de verdade.

Enunciar “a verdade” é temerário, pois, por costume, a identificação da verdade está associada a moralismos. No entanto, Foucault (2011), estudando os antigos, identifica quatro modos de dizer a verdade: parrésia, profecia, sabedoria, técnica.

O parresiasta é aquele que diz o que pensa, assumindo o risco de ferir, de irritar, por vezes colocando sua própria existência em risco. O parresiasta que aconselha o príncipe, por exemplo, pode ser sentenciado à morte. Porém, quando o jogo da verdade é

aceito com grandeza de alma, o príncipe ouve, pois no jogo bem jogado há coragem de quem fala e coragem de quem ouve.

O profeta não fala em seu nome, é um intermediário. Desvela o que o tempo esconde dos homens. Com isso, a profecia é recorrentemente enigmática, está entre o presente e o futuro. Diferentemente, o parresiasta não fala por enigmas, fala claramente. O ouvinte pode aceitar ou não, mas não precisa decifrar.

O sábio está presente no que diz, porém se mantém em retiro, em reserva. Fala sobre o geral das coisas, enquanto o parresiasta trata da singularidade dos indivíduos, situações, e não se furta a essa tarefa.

O técnico, ou professor, é obrigado a falar, a transmitir, porém não assume risco algum por isso - no mundo antigo! Trata-se, por exemplo, do artesão que passará sua técnica ao aprendiz.

São quatro veridicções, quatro modos de dizer a verdade que podem ser combinados. Ainda na filosofia antiga, havia a tendência de unir sabedoria e parrésia. No cristianismo medieval, unem-se profecia e parrésia, ou sabedoria e ensino. Na era moderna, o discurso revolucionário é profético; a filosofia se encarrega do ser das coisas; enquanto o saber técnico foi assumido pela ciência. Quanto à parrésia, desapareceu!

Interessa-nos aqui a distinção que Foucault aponta entre o parresiasta e o retórico. O parresiasta trata de algo que ele crê e vive. O retórico procura ser capaz de dizer algo que não é o que ele pensa, mas que será o que pensa quem o escuta, quem crê nele. Retórica trata de persuasão, certamente presente em anúncios publicitários e nos discursos dos políticos.

Partindo da filosofia, verdade, poder e *éthos* (que toca o indivíduo) têm relação necessária, sendo ao mesmo tempo irredutíveis. O *éthos* é definido como o “princípio a partir do qual a conduta poderá se definir como conduta razoável em função do próprio ser da alma.” (FOUCAULT, 2011, p. 74)

Dialogando com textos socráticos, Foucault apresenta a parrésia ética, que tem como objetivo maior o discurso corajoso a respeito do cuidado de si, em relação com os deuses, com a verdade e com os outros. Não importa a opinião dos outros, importa a verdade, que está fundada em conhecer a *psykhé*, a alma. Importa saber a relação entre o que é dito e o que é vivido, o estilo, a maneira de viver, a forma que se dá à vida. “A fala franca se articula a partir do estilo de vida (*bíos*)” (FOUCAULT, 2011, p.129) A coragem



é dar conta, ter consciência e sustentar o próprio comportamento, a própria maneira de viver. A filosofia, aqui, é uma prova de alma que antecede à política. “Que tipo de combate somos capazes de enfrentar para alcançar a verdade?” (Idem, p.110)

Foucault procura nos antigos a história de uma estética da existência, da vida como beleza possível, em sua relação com a preocupação em dizer a verdade. Encontra o modo de vida cínico como memorável. No cinismo, a vida é pautada pelo dizer a verdade corajoso e sem limites, que pode chegar à insolência. É curioso que as fontes a respeito dos cínicos apareçam em menor quantidade, não permitindo analisar evoluções da categoria e resultando em marco teórico menos importante. O que certamente é relacionado com o modo de vida cínico, desprezado e impotente para gerar as fontes canônicas, normalmente decorrentes de discursos de poder.

O cínico é um errante, vê à frente para anunciar sua fala, sem medo. Não pode ter abrigo, lar ou pátria. Para falar a verdade, é necessário não ter vínculo, contudo, ao mesmo tempo, a humanidade é sua família. Usa a parrésia e porta um cajado, é o homem da mochila, do manto, dos pés descalços, da barba hirsuta, sujo, até mesmo da mendicância. O cínico quer viver com o mínimo, viver com o fundamental que é o natural e mostrar que todo o resto é convenção e crença. Quer mostrar o que é indispensável à vida humana, essencial. Sua forma de existência torna visível no corpo, nos gestos, vestes, na maneira de viver, a própria verdade. A verdadeira vida é a vida da verdade.

Poderíamos questionar, com o anacronismo da posição de dois milênios adiante, que é impossível distinguir natureza de cultura, questionar se a aproximação com uma natureza tida como essencial não retiraria a humanidade, todo o aprendizado acumulado em comunicação, sociabilidade, cultura, que se tornam também essenciais para nossas potencialidades. Porém, o que se quer destacar é o escândalo que a vida cínica gera, por mostrar, com a própria *bíos* (vida), uma verdade possível.

A doutrina cínica desapareceu e foi tratada com ambiguidade pela filosofia institucional, ora com desprezo, ora destacando o que mereceria ser salvo. Apesar disso, Foucault postula o cinismo não apenas como parte da filosofia antiga, mas como categoria histórica que perpassa toda a história ocidental.

O cerne do cinismo é o indivíduo que vive uma existência escandalosa, porque coerente consigo mesmo. Foucault destaca três exemplos da história da Europa que transmitiram, de modos diversos, o esquema cínico. Primeiro exemplo, o ascetismo na

cultura cristã, o modo de vida dos monges em movimentos espirituais da Idade Média, como as ordens mendicantes, por vezes derivando para movimentos heréticos.

O segundo exemplo é o das práticas políticas, dos movimentos revolucionários ao longo do século XIX, e o “militantismo” do século XX, organizações que procuravam impor seus objetivos no campo social (partidos e sindicatos), testemunhos da própria vida como possibilidade de outra e verdadeira vida, como no anarquismo e no terrorismo! Interessante como a ideia de uma vida revolucionária escandalizava por representar uma verdade aceitável. O fato de ser possível gera escândalo. Tal ideia fez oposição a uma certa conformidade da existência presente em partidos ditos revolucionários.

Artes modernas e festas constituem o terceiro exemplo. Aqui, a ideia de que a vida do artista deve ser testemunha do que é a arte em sua verdade. Antes da arte moderna, a arte seria ornamentação ou imitação. Depois, passa a ser desnudamento, redução ao elementar da existência. Lugar de expressão do debaixo, do que não tem lugar na cultura. Recusa da forma já adquirida, com uma função “anticultural”! Um dizer a verdade que assume o risco de ferir.

E somos trazidos à questão central neste momento: quem seriam os cínicos em nossa sociedade? Quem são as pessoas que com suas roupas, gestos, modos de vida, mostram quem são, ousam mostrarem-se como são, por isso são vistas como escandalosas? Quem verdadeiramente assume sua vida, diz quem é e porta-se como tal?

Não há grupo homogêneo, porém vale a reflexão. A parrésia, fala franca, e o modo de vida cínico, que procura expressar com seu corpo a sua verdade, aparecem, pelo menos em parte, naqueles que cometem a ousadia de serem o que dizem e pensam. As expressões da sexualidade ou do gênero não padronizadas, que não sejam heteronormativas, ou seja, que não correspondam ao que se espera de casais de homens e mulheres, ou, ainda mais, que se mostrem como transgêneras, *queers*, pessoas criadas como meninos e que se percebem como meninas e passam a performatizar a vida como mulher, por exemplo, essas pessoas são vistas como escandalosas porque afirmam sua verdade! Elas passariam pela prova socrática, na medida em que assumem quem são, enfrentando expectativas, enfrentando mesmo os poderes dos discursos que procuram regular a sexualidade. Não se conformam com o estabelecido e expressam a verdade de si, o que é visto como ousadia, insolência, rebeldia, já foi visto como doença, mau exemplo, pecado. O incômodo gerado é tanto que muitas vezes o preço é a própria vida.



O discurso cínico é simples e prático, é ensino de luta. Foucault retoma a imagem dos dois caminhos: há o caminho longo, do discurso; e o caminho breve, do exercício. Aqui, não um ensino teórico, mas modelos, anedotas, exemplos. Concebe-se uma história da filosofia que não seria a história das doutrinas filosóficas, mas das formas e estilos de vida. Curioso que a preocupação com os modos de vida perde lugar com o ensino da filosofia, porém terá lugar na vida revolucionária.

Para o pensamento grego clássico, a verdadeira vida é reta, sem rodeios, sem multiplicidade, imutável, incorruptível. Uma vida misturada, reconhecidamente múltipla, não seria verdadeira. A vida verdadeira escapa das perturbações, da mudança. O cinismo seria a careta da verdadeira vida, “altera o valor da moeda”, empurra os valores até o limite, faz aparecer uma vida contrária ao que era reconhecido como verdadeiro.

O escândalo cínico acaba por desvelar a estagnação da vida verdadeira como vida reta e estável. O que faz uma pessoa trans? Evidencia que elabora sua roupa, sua maquiagem, seu gênero, talvez seu sexo. Performatiza quem é a cada dia, a cada escolha. A filósofa Judith Butler (2016) é uma das autoras que demonstraram como o gênero é uma performance. O que quer que seja associado a identidade sexual necessita ser reificado por hábitos, costumes, normas culturais. O que é ser mulher, qual a sexualidade, são questões problemáticas que não são resolvidas por determinismos. Todos e cada um precisam, a cada dia, performatizar e fazer suas escolhas que sustentam uma identidade de gênero. E ela é mutável.

Parece insuportável que as trans mostrem a todos e todas a verdade de nossa existência, o fato que a cada dia fazemos uma performance para reiterar nossa identidade, que depende da roupa, do gesto, da maquiagem (ou falta dela), do tom de voz, dos acessórios, da barba, do cabelo e de toda a aparência que encena o ser ao outro. A maior parte de nós não percebe o esforço que faz para constituir uma individualidade, e que essa pessoalidade é enormemente atribuída por valores normativos predominantes, que questionam a liberdade de cada um. A ousadia cínica, ou percebida como cínica, das trans questiona o ser de cada um e aponta: qual é sua verdade interior? O que você mostra é harmônico com o que você sente e o que você pensa? Nem sempre a pessoa trans intenciona o questionamento que suscita. O que nos leva ao incômodo de não poder ser anônima, de não poder estar fora da mira dos olhares. Com ou sem a intencionalidade de chocar o olhar normatizado e normativo, outras figuras, no espaço público, causam o

incômodo cínico: moradores de rua, viciados em drogas ilegais, doentes que se expõem. Qual o comum dessa precariedade que é mostrada nos corpos? ¹

A partir do momento em que se coloca o cuidado de si, o questionamento de si como premissa para uma verdadeira vida, é esperado que ocorra confronto com o que a tradição apresenta, com o esperado externamente, por uma família ou transcendência. Pensando no cuidado de si como princípio para a relação autêntica com os outros e, também, como princípio para uma boa atuação política, o cínico vai até a fronteira do questionamento e indica o rompimento total com as formas tradicionais de existência. A vida, para ser de verdade, tem que ser uma vida outra, radical e paradoxalmente outra. O cínico aponta esse paradoxo, pois a pessoa está em sociedade, torna-se um ser social, porém o mesmo meio, as normas constituintes desse meio retiram a potência singular da pessoa.

O questionamento cínico dos antigos chega ao ponto, como em Diógenes, da vida nua, sem segredo, satisfazendo necessidades fisiológicas ou sensuais em público, dando visibilidade e dramatizando o que seria natural, e questionando se poderia haver algum mal na natureza. Claro que há, assim, uma valoração da natureza como boa, e, como já sugerido, é suave, *a posteriori*, apontar que somos naturais e culturais simultaneamente.

O cínico, em sua radicalidade, advoga a não dissimulação ao máximo, solapando os princípios convencionais. Com isso, o cínico, claro, acaba por levar uma vida considerada feia, dependente, suja, mísera, insuportável, humilhante, chegando ao ponto da mendicância ou da escravidão. Coloca-se a questão de até que ponto devemos aceitar as regras sociais. Sócrates talvez respondesse: até o ponto em que se possa sempre continuar o cuidado de si. Porém, Sócrates era um parresiasta, não um cínico.

O radicalismo cínico é visto, no entanto, como prova de vida que afirma sua soberania, seu controle, ou mais adiante no tempo, a humildade cristã. O cínico dá uma lição aos homens pela maneira como ele vive, é um benfeitor agressivo em seu questionamento das regras com o próprio corpo, e que, aos olhos da regra, parece desumano e insuportável. O cínico diz, por princípio, que a verdadeira vida é uma vida outra.

De modo reconhecidamente provisório e incerto, Foucault compara o cínico com o asceta cristão, por exemplo, no que diz respeito à alimentação, ao jejum. Porém, no

¹ Questão feita a partir da leitura de “Corpos em aliança e a política das ruas”, de Judith Butler (2018).



cristianismo, a outra vida era a vida em outro mundo, juntando o cinismo com a metafísica platônica. A confiança em Deus, no vínculo entre Deus e os homens, anunciando outra vida, dava respaldo ao parresiasta cristão. Este é o mártir. Diferentemente de Sócrates ou Diógenes, o mártir cristão tem coragem por confiança em Deus. Posteriormente, tal confiança será substituída por tremor, por temor a Deus, com desconfiança de si. A confiança em si passa a ser vista como arrogância. Apenas com a intermediação de autoridades o indivíduo poderá se salvar. A confiança em Deus, próxima de uma tradição mística do cristianismo, terá sobrevivência marginal. A tradição ascética, de obediência temerosa a Deus, se tornará mais forte e importante.

Para Foucault, a verdade sempre está em relação com algo que não é a verdade, ou seja, ela não existe por si só. Trata-se de categoria histórica, pois podemos notar sua alteração no tempo. Talvez por conta da necessária acomodação dos costumes, a verdade aparece sempre em outro lugar, em outro mundo, em outra vida: “Aquilo em que gostaria de insistir para terminar é o seguinte: não há instauração da verdade sem uma posição essencial da alteridade: a verdade nunca é a mesma; só pode haver verdade na forma do outro e da vida outra.” (FOUCAULT, 2011, nota da p. 298)

A coragem da verdade é uma potência de movimento, de alteração da vida, no sentido de uma vida outra, uma vida de verdade. Trata-se de modificar o *éthos*, a atitude. Porém, não há ética sem liberdade, a liberdade é uma condição ontológica da ética. (FOUCAULT, 2010) A ética é a prática racional, a forma em reflexão assumida pela liberdade. Em situações autoritárias, de exploração ou de dominação, em que não podem ocorrer os jogos de poder, os jogos da verdade, não há liberdade, portanto não há discussão ética possível. O cínico, em seu escândalo, questiona até que ponto há liberdade, questionando assim a própria ética.

Curiosamente, o cínico mostra também que a verdade incorporada, assimilada no corpo, beira o insuportável. Também por isso a verdadeira vida só pode ser uma vida outra. Talvez não consigamos sobreviver em total autenticidade.

Uma parte do incômodo que leva a preconceitos com grupos marginais diz respeito à recusa de pensar que o verdadeiro está no lugar outro, na alteridade. Os marginais representam a verdade insuportável, escamoteada por mil retóricas, a verdade disfarçada nas performances normatizadas. Perseguir a verdade seria, portanto, transformar, abrir-se para dentro, para o cuidado de si, e expressá-lo para fora, ao outro, na

relação com o outro. O lastro desta prática ética seria fundamental à convivência política, a experiência e as dores do ser garantiriam a compaixão e o equilíbrio para que, nas relações coletivas, não haja lugar para exploração. A existência trans, por fim, questiona os seres sociais e a política, coloca em xeque qual a sustentação da verdade. Pensar nisso faz sair da comodidade. É para isso que temos cérebro, mente e *psykhé*.

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução, Renato Aguiar. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. **Ética, sexualidade, política**. Tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. [Ditos e Escritos, V]

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2011.